

## 5

### **O futuro de Deus na missão da esperança cristã: consequências teológicas do estudo apresentado**

Quando nós iniciamos o nosso trabalho, procuramos deixar claro o foco e o horizonte que estávamos decididos a percorrer com nossa pesquisa. Dentro do viés escatológico, que nos propomos, o tema do futuro de Deus é algo sublime e encantador, ao mesmo tempo em que nos desafia a entendê-lo dentro do horizonte e contexto onde estamos. Vimos que não bastava falar apenas do futuro de Deus, havia, pois, a necessidade de detalhar este futuro do Deus que vem e antecipa a nós a sua salvação, dentro do conteúdo da mensagem cristã, que se compreende em esperança. Esta esperança não se localiza isolada da história ou da vida das pessoas, mas motivada pela revelação do Deus que vem com o seu futuro, transforma-se em força de ação, caminhando em missão já neste mundo, mas em vista do que é prometido pelo próprio Deus. Esta foi a nossa proposta ao trazer a temática do futuro de Deus na missão da esperança cristã.

O que faremos agora, nesta parte final do nosso trabalho, é apresentar as consequências teológicas do nosso estudo, iniciando com a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação, fazendo-a, tendo em vista o contexto atual em que estamos inseridos. Logo em seguida, trataremos das consequências teológicas propriamente ditas, vistas em perspectiva escatológica<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Durante todo o nosso percurso de estudo aqui apresentado, nós procuramos destacar pontos presentes tanto em uma teologia quanto em outra. Também, nos capítulos anteriores, procuramos fazer uma atualização da mensagem e do anúncio da esperança cristã. O nosso objetivo, neste momento, é resgatar os pontos favoráveis e trazê-los como consequência teológica deste estudo. Por se tratar de um capítulo final, nós não apresentaremos nele as reflexões conclusivas, da forma como fizemos até agora, pois entendemos que tudo o que vem a seguir já se apresenta com esta finalidade.

## 5.1

### **A Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação no contexto atual**

Antes de chegarmos às consequências teológicas deste estudo, faremos uma aproximação entre as duas teologias a partir de temáticas relevantes, as quais apareceram direta ou indiretamente no processo apresentado. A intenção aqui é resgatá-las e confrontá-las em seus fundamentos e, na nossa reflexão, encontrar pistas possíveis de uma atualização da linguagem da esperança no contexto atual. Não faremos aqui citações e referências que já foram feitas, mas sim, traremos as ideias e, sob nosso olhar, apontaremos os elos possíveis desta aproximação.

*Primeira aproximação: na esperança:* A partir daquilo que apresentamos das duas teologias neste trabalho, constatamos que a esperança é um elemento essencial para o desenvolvimento de ambas. Na TdE visualizamos que é a esperança a característica que marca o percurso teológico o autor e da obra. Sendo motivada pela promessa do futuro de Deus, que é antecipado pela ressurreição de Cristo, a esperança orienta e anima o tempo presente em direção aquilo que foi prometido. Na TdL, a esperança é a força que persiste na luta do povo, quando por suas experiências de vida e de comunidade de fé decidem por transformar as estruturas, promovendo vida, justiça e paz. De início, como já apresentamos, denotam-se diferenças de posturas em relação à esperança: a TdE focava a esperança no horizonte das promessas, dirigindo-se ao futuro prometido, mas sem impacto no presente da história; a TdL alimentava a sua esperança no transcorrer da história, motivando-a e transformando-a a partir de uma experiência. Porém, nos dois casos, acentuamos no capítulo anterior que há uma recepção da TdE na TdL que traduz esta esperança por ação, e, também, há um retorno da TdL na TdE que amplia o seu conceito de esperança e passa a compreender melhor as condições e particularidades da história concreta. No caso de Moltmann e da TdE, por mais que a esperança seja visualizada no horizonte das promessas, Moltmann não a vê apenas como uma virtude, mas como uma força, algo que também leva à ação. Com efeito, em vista de uma atualização da mensagem da esperança para o nosso contexto e, ao mesmo tempo, motivados pelo caminho que já se teve dos dois lados, constatamos que qualquer tentativa de reler a escatologia da TdE em

aproximação com a TdL deve ser feita – obrigatoriamente – pelo viés da esperança. Este é um ponto certo. A esperança, como virtude teologal, não começa no ser humano, mas irrompe nele a partir de uma experiência de fé, motivada por uma ação primária do próprio Deus. Este Deus que vem com seu futuro e que nos convida a caminhar na sua direção coloca-nos em atitude de esperança. Trata-se de uma esperança ativa que decide caminhar na direção do horizonte prometido e sente este chamado dentro de seu contexto, dentro de sua realidade histórica. Desta forma, é possível aproximar as duas teologias na concepção de esperança, unindo a motivação do futuro prometido com o compromisso na realidade histórica. Assim, a esperança assimila e envolve o contexto atual com todas as suas variantes diante das promessas escatológicas. Ela passará a atuar neste contexto transformando-o, enquanto caminha em direção ao futuro prometido e é iluminada por ele. Podemos perceber esta intencionalidade da esperança na TdL e na TdE com Moltmann, que depois do contato que sua teologia teve com outras manifestações teológicas, abriu espaço para esta intenção e entende também a esperança no ponto de vista da ação, como uma força, sem anular o teor de promessa, próprio de sua teologia.

*Segunda aproximação: da esperança ao Deus da esperança:* A esperança que se desenvolve em Moltmann no percurso de sua vida e de sua teologia e, nas comunidades nas quais atua a TdL, desdobram-se num encontro autêntico e verdadeiro com o Deus da esperança. Um encontro com Deus que abre possibilidades na história, que apresenta a sua salvação e envolve a todos com sua graça, convidando-os a participar de suas promessas, rumo ao horizonte futuro. Por ser virtude teologal, esta esperança que se descortina nas duas teologias revela-nos o Deus de sua causa. O Deus que tem a promessa como algo elementar de seu ser. Um Deus que promete um futuro à sua criação e a motiva à espera ativa do mesmo. Este Deus da esperança pode ser percebido tanto na TdE quanto na TdL. Se pegarmos, inicialmente, a TdE, veremos que Moltmann procura desvendar o rosto deste Deus promitente dentro das promessas do AT, que aos poucos e dentro de uma pedagogia divina revelam o rosto de Deus à sua criação e aproximam dela a salvação que dele provém. Na TdL busca-se compreender o mundo como única história, na qual Deus atua junto a seu povo e o liberta da escravidão e da opressão. Parte-se aqui da experiência do Êxodo, que nos mostra

um Deus compassivo; um Deus que não fica isolado do mundo que criou, mas que participa dele e o transforma em terra de liberdade. Este Deus da esperança, que aparece fortemente nas duas teologias, apresenta-nos o Cristo ressuscitado e seu futuro. Cristo assegura-nos em esperança e sua causa torna-se para nós objeto da mesma. O encontro com o Deus da esperança aparece também nas duas teologias em situações particulares: Moltmann, no seu caso, encontra-se com o Deus da esperança em um momento difícil e crucial de sua vida. Ali ele faz a experiência e esta o transforma e o conduz até os dias de hoje. Esta experiência é refletida na sua teologia, ponto que já abordamos. Os teólogos da libertação, por sua vez, fazem suas as experiências do povo que sofre. Oferecem a estes pequenos uma voz teológica, capaz de desvendar no mistério de Deus o horizonte da salvação; entende-se a realidade, contesta-a e a supera na presença do Deus da esperança. Na TdL vemos o Deus que se revelou em Cristo como aquele que promove a esperança e na vitória daquele que venceu a morte, tem-se a promessa contra todo o tipo de mal e de dominação. Tendo isso claro, entendemos que, para ambas as teologias a esperança que se discorre vem e caminha para o Deus da esperança. Esta é uma aproximação certa, já perceptível dos dois lados.

*Terceira aproximação: do Deus da esperança ao Deus libertador:* Este é um ponto que a TdL deu um passo a mais do que a TdE e esta postura pode ser de suma importância para o diálogo com o mundo atual. Vejamos. A TdE se desenvolve bíblicamente a partir das promessas de Deus na história. Temos um Deus que promete a sua presença junto a seu povo e a realização das mesmas caracterizam-se em esperança. Esta esperança se desdobra no AT e culmina no NT, onde o Cristo ressuscitado é a realização plena de tudo o que foi prometido, mas, em vista do futuro da criação, é também uma promessa para todos nós. Este futuro que nos é antecipado em Cristo motiva-nos em esperança e nos convida ao banquete do Reino. A TdL, por ser uma teologia que se desenvolve junto a história do povo sofrido e pobre da América Latina e, por ter no rosto do pobre um aspecto particular de seu raciocínio teológico, entende a esperança que se desenvolve na sua teologia como uma esperança de libertação. Para ela não basta apenas esperar o futuro prometido, há que libertar-se das amarras políticas, sociais, religiosas (e também teológicas) que impedem e que são obstáculos à realização plena da esperança. A TdL falará do ser humano concreto, daqueles e

daquelas que são vítimas de um sistema estrutural e de uma história de colonização massacrante; falará ao ser humano individual, mas tentará compreendê-lo sempre no coletivo, pois em toda a situação de pobreza e de injustiça há uma causa maior que deve ser superada. Só assim, pode-se falar em libertação. Este é o ponto. A base epistemológica que a TdL vai buscar para entender Deus como o Libertador vem da experiência do Êxodo. Ali temos o Deus que liberta e caminha junto com seu povo; o Deus que ouve o clamor e decide por libertar; o Deus que vai a frente e conduz o seu povo no deserto, rumo à terra prometida. É o Deus que liberta o seu povo do jugo do Faraó. Temos então a imagem do Deus Libertador. A TdE pode caminhar nesta direção, pois quando nos apresenta o ressuscitado, o faz sempre como aquele que foi crucificado. Ora, se entendermos o caminho que Jesus percorre até a cruz e entendermos as causas do Reino, poderemos certamente entender que o Deus da esperança é também o Deus libertador, sem perder o foco, mas ampliando o horizonte de compreensão. Além disso, aproximando a intenção do caminho do crucificado, temos também a aproximação da TdE com a TdL que tem no Cristo alguém que se torna próximo daqueles que sofrem e, que por amor, decide por libertá-los, torna-se solidário e na sua ação suscita esperança.

*Quarta aproximação: no Cristo Ressuscitado e Crucificado – esperança e libertação:* Continuamos o raciocínio acima. Tanto para a TdE quanto para a TdL o Cristo ressuscitado é o Cristo crucificado e vice-versa. Este é um ponto básico para a fé cristã. A ressurreição não anula a cruz, mas a enche de conteúdo escatológico, dá-lhe sentido e garantia. Ao olharmos a ressurreição estamos diante do futuro prometido, que por graça de Deus nos é antecipado escatologicamente. Firma-se a nós em promessa, orienta-nos para a vida e para a certeza da salvação. Ao contemplarmos a cruz – o Cristo crucificado – e iluminados sempre pela ressurreição, estamos diante da opção de Jesus e do seu caminhar pelo Reino de Deus, o qual somos chamados, convidados a participar. A cruz não tem a última palavra e não revela todo o mistério, mas transcende a si mesma e revela-nos o que está oculto (*absconditum*), o futuro do próprio Cristo que venceu a cruz e transformou a mesma em um sinal salvífico. A cruz está fincada na terra e aponta para o céu. Estar fincada na terra significa ligar-se as coisas desta terra, as quais não se pode fugir, mas que se deve buscar e transformar. Apontar para o céu quer

dizer a que se destina e de onde vem a sua força e a sua esperança. O Cristo ressuscitado e crucificado é, portanto, uma promessa autêntica. Não se chega ao ressuscitado sem a experiência da cruz, sem o encontro com o crucificado. E, no encontro com o crucificado, o encontro com os crucificados da história. É um encontro necessário diante do compromisso cristão, diante do seguimento do homem de Nazaré. É uma experiência de esperança e de libertação.

*Quinta aproximação: em Cristo, o caminho do Reino de Deus:* Quando falamos de Reino de Deus estamos falando de um projeto que perpassa pelas duas teologias. Reino de Deus é promessa de Deus, enquanto futuro; mas também é realidade de ação, enquanto missão. A proposta deste Reino futuro deve tornar-se realidade na missão da esperança, trazendo para o momento presente as mesmas opções de Jesus Cristo em sua vida terrena, atualizando-as na história e intensificando a sua mensagem. Nós vamos encontrar esta intenção na TdE e na TdL. É um elemento que aparece fortemente em Moltmann e nos diversos teólogos da libertação, sendo aqui, na TdL, algo visível e concreto, pois viabiliza a construção de uma nova sociedade, onde se possa reinar o amor, a justiça e a paz. Reino é promessa, mas não somente, é realização. Para buscar compreender o horizonte deste Reino no contexto atual e na base escatológica da TdE em aproximação com a TdL, faz-se necessário percorrer o caminho do homem de Nazaré e acolher a sua proposta de Reino. Em Cristo – *ressuscitado e crucificado* –, temos um Reino que já atua neste mundo, que intensifica a sua promessa e que nos traz vida, vida nova. Em Cristo, temos um Reino que é capaz de fazer justiça, de promover a paz e de viver o amor. A opção de se colocar no caminho de Jesus Cristo e neste caminho desvendar a concretização do Reino de Deus é algo que existe nas duas teologias, podendo, pois, aproximar-se nesta intenção. O Reino é promessa (TdE), mas também é ação (TdL). A ação só existe em virtude da promessa que se realiza totalmente na ação do Reino, melhor dizendo, na missão da esperança cristã.

*Sexta aproximação: na missão da esperança cristã:* Todo o esforço que estamos fazendo neste estudo da escatologia que se encontra na TdE em aproximação com a TdL no contexto atual, que na nossa intenção parte da noção de esperança, deve, obrigatoriamente, dirigir-se à missão, à missão da esperança

cristã. A TdE e a TdL são duas teologias contextuais, ou seja, procuram pela fé responder as questões do contexto em que estão inseridas e de onde surgem. Já assinalamos que o contexto de nascimento de cada uma destas teologias é distinto, mas que elas comungam de um mesmo projeto no mundo, que é a implantação do Reino de Deus. Um Reino que vem com Cristo, que antecipa-nos em promessa o futuro de Deus, mas que nos coloca em missão e ação já neste mundo. Para nós, é na missão da esperança cristã e no contato com a sociedade atual que a esperança deve mostrar a sua força e dar a razão de sua existência. Uma aproximação entre as duas teologias no enfoque da missão torna-se favorável e, também, consequente, já que a esperança cristã não é uma esperança passiva, mas ativa; é uma esperança que atua na história, que mobiliza o contexto em que se encontra e procura fazer com que o Reino de Deus já aconteça em seu meio. Fortalece-se pela promessa, mas inquieta-se por uma realização. Aspira para o *ainda não* prometido, mas coloca-se em serviço, em missão, *já* neste mundo. Esta ação que vem de Deus em nosso favor, que por graça nos antecipa o seu futuro, o futuro de seu Reino, provoca em nós, enquanto comunidade de fé, um movimento na sua direção; provoca-nos a um impulso novo e transformador. Deus vem até nós com o seu futuro e nós caminhamos em sua direção como resposta de fé, vivendo em esperança e agindo no amor. Uma aproximação entre a TdE e a TdL pode ser contemplada na missão da esperança cristã, pois o acolhimento da promessa, impulsiona o agir cristão na sociedade, coloca-nos em missão.

Estas pistas aproximativas que apresentamos acima identificam aspectos que já debatemos na TdE e na TdL. Neste momento, apenas extraímos, sob nosso olhar, algumas ideias que são possíveis e que merecem atenção. Cabe-nos agora, caminhar para as consequências teológicas deste evento, vistas no horizonte do futuro de Deus na missão da esperança cristã. Nas palavras de Gutiérrez: “Esperar em Cristo é, ao mesmo tempo, crer na aventura histórica, o que abre um campo infinito de possibilidades ao amor e à ação do cristão”<sup>2</sup>. Que esta espera do Cristo que vem possibilite a ação do Reino diante do nosso mundo e que o amor abra infinitas possibilidades para a ação do cristão. É o que cremos e é o que esperamos.

---

<sup>2</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, p. 306.

## 5.2

### Consequências teológicas da aproximação entre a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann e a Teologia Latino-Americana da Libertação

Apresentaremos a seguir algumas consequências teológicas (CT). Na verdade, são projeções consequentes do trabalho de pesquisa que realizamos. Tais projeções não se traduzem em tom conclusivo, mas reflexivo; digamos até indutivo, pois realçam o caminho percorrido até aqui e apontam para novas perspectivas que se desdobram na escatologia. Do mesmo modo como fizemos no subcapítulo anterior, nós não repetiremos aqui citações e referências já feitas no transcórre deste trabalho, a menos que se façam obrigatórias, mas extrairemos, sob nosso olhar e responsabilidade, aquilo que chamamos de *consequências teológicas desta aproximação entre a TdE de Jürgen Moltmann e a TdL*. Estas consequências teológicas fazem-se necessárias para se concluir o raciocínio teológico que propomos no nosso trabalho: o futuro de Deus na missão da esperança cristã.

1ª CT: *Toda a teologia que ser quer “da Esperança” é libertadora e toda a teologia que ser quer “da Libertação” é da esperança*. Esta consequência teológica que apontamos aqui perpassa pelo todo do nosso trabalho que quer – tanto no contexto atual como no contexto de origem destas manifestações ou expressões teológicas – fazer uma aproximação entre elas para atender as necessidades e urgências da sociedade e da Igreja atuais sob a perspectiva da escatologia; não só no seu aspecto sócio-político, cultural e estrutural, mas também (e principalmente) no seu aspecto teológico-religioso, que é o que posiciona toda a ação da teologia no contexto sócio-político, cultural e estrutural. Entendemos também que, estas manifestações ou expressões teológicas que aqui estudamos, por mais que se destaquem e chamem para elas mesmas um aspecto particular da teologia (aqui, especificamente, esperança ou libertação) elas constituem e fazem parte de um todo da teologia e sua intenção perpassa por esta condição. O que não impede que por um tempo elas sintam a necessidade de “separar-se”, ou de “caminhar ao lado” (digamos assim) para afirmar aquilo que estão propondo e não serem anuladas por um todo maior. Pelo fato de ambas as

teologias aqui mencionadas serem teologias cristãs, elas têm no Cristo – Ressuscitado e Crucificado – o seu fundamento. Tudo aquilo que decorre em seus discursos traz este ponto como referência fundante. Agora, se quisermos destacar a importância e relevância destas manifestações ou expressões teológicas para o tempo atual, faz-se necessário perguntar sobre as possíveis respostas que elas podem oferecer, bem como, o conteúdo que trazem; de maneira mais específica, se o modo como abordam o conteúdo da fé cristã pode transmitir algo de real e concreto (com esperança e libertação) para as pessoas de hoje. Surgem algumas questões: o que é atual na TdE e na TdL? Como a sua mensagem pode trazer à nossa sociedade, que como vimos apresenta-se num mundo adulto, não mais totalmente cristão, pós-moderno e, por vezes, sem esperança? Como atualizar a mensagem que é colocada em suas teologias diante das misérias do mundo, da fome, dos pobres, dos novos problemas sociais, das questões ecológicas, políticas e religiosas? Com certeza, se fixarmos o nosso olhar apenas em seu passado e não descartarmos uma atualização para o tempo presente nós estaremos anulando o que lhes é próprio e específico, e não resgatamos a novidade que suscitaram no contexto teológico e eclesial. Estaremos, também, desconsiderando a grande riqueza que possuem que é trazer para a fé cristã uma reflexão crítica da fé, de modo contextualizado. Em resposta a estas questões, afirmamos que, durante as apresentações que fizemos destas teologias no percurso do nosso trabalho, procuramos sempre destacar esta atualização, o que nos faz confirmar, neste momento, esta abordagem. Como consequência do nosso estudo sobre a TdE de Moltmann em aproximação com a TdL, podemos afirmar que, a perspectiva libertadora está presente na TdE, como, certamente, a esperança; do mesmo modo, na TdL está presente a esperança, como, seguramente, a libertação. Não são dois caminhos e nem duas propostas, mas uma e a mesma esperança que se desperta através do futuro de Deus que nos é revelado e prometido por Cristo, e que, por decorrência da fé, nos convoca a uma missão de esperança, que também é libertadora, portanto, da libertação. Acentuamos que, é correto sustentar a ideia de que toda a teologia que se quer “da Esperança” é libertadora e toda a teologia que se quer “da Libertação” é da esperança. Esta percepção teológica nos conduz a uma concepção de “esperança libertadora”. Tal intencionalidade que aqui se desdobra faz jus ao que afirmamos ao longo do nosso trabalho, que a esperança

cristã não é passiva, mas ativa; é, portanto, uma esperança em ato, que acolhe o futuro de Deus na fé e parte em missão. Uma esperança libertadora.

2ª CT: *Uma esperança libertadora*. Logo no início do nosso trabalho nós apontamos que o cristão é chamado a anunciar a esperança no mundo em que vive. Deve dar razões da sua esperança, mesmo que o mundo e o contexto atual digam que ela é algo supérfluo ou desnecessário. Deixamos claro que, o horizonte de nossa esperança está na luz do Cristo Ressuscitado e Crucificado e é para o seu futuro que estamos destinados, em quem seremos novas criaturas (cf. 2Cor 5,17), mas que hoje, pela fé e sustentados no amor de Deus, nós caminhamos em esperança. Caminhamos no seguimento de Jesus na proposta de seu Reino, rumo ao futuro que nos foi prometido. Este é o futuro que esperamos e que se torna real e verdadeiro em Cristo, e para nós, ainda, promessa de vida e plenitude. Deste modo, a espera para o cristão não é passiva, mas ativa; ela se faz em ato e projeta-se à transformação total, tanto interiormente, pelo contato e experiência de Deus, quanto exteriormente, pelo compromisso que assumimos na fé. Dissemos, então, que, esperar este futuro ainda ausente e se lançar no seguimento de Jesus, e junto a isso, empenhar-se na proposta do Reino anunciado por ele é, com certeza, um sinal concreto da esperança que se realiza em missão. É algo que se torna possível pela ação do Espírito, derramado sobre nós pelo amor de Deus que nos chama e que nos atrai, fazendo-nos sentir já no momento presente este *kairós* transformador e anunciador do futuro. Por certo que, a afirmação de que a esperança cristã é libertadora faz-se, seguramente, verdadeira. Pois, compreende-se esta esperança de modo ativo, em ato, portanto, é transformadora e vivificadora do futuro que se espera. Compreender a esperança em perspectiva libertadora vai de encontro com a definição de escatologia que Moltmann propõe na sua Teologia da Esperança, que é tanto aquilo que se espera como o ato de esperar<sup>3</sup>. O que se espera, entendemos aqui como o futuro de Deus, e tudo que dele provém; o ato de esperar, basicamente, é a esperança, que vista no horizonte da ação, passa também ao caráter libertador. Uma esperança libertadora. Dentro deste viés é possível atualizar a mensagem destas duas teologias que se aproximam e provocar a partir delas uma resposta coerente e autêntica às situações atuais, vividas na América

<sup>3</sup> Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 30.

Latina como em todo o mundo. Uma esperança libertadora tende a interagir no meio em que vive, torna-se sensível à realidade, portanto, acolhe a mesma em seu agir, mas frente a isso, lança a esta realidade um sentido novo, último, verdadeiro, autêntico, pois se alimenta no futuro que espera. Uma esperança libertadora não ficará alheia ao que acontece a sua volta, mas tenderá a ser eficaz e a agir com exatidão na proposta do Reino de Deus. A base da esperança cristã é a ressurreição de Cristo. A esperança que surge deste evento único e irrepetível nos liberta para uma nova vida em Cristo, torna-nos novas criaturas diante dele no amor. Ser, em Cristo, nova criatura, é viver na esperança e acolher a liberdade que dela provém. É comprometer-se com a causa do Reino que ainda se espera, mas que já se vive. Provocando ainda uma discussão, poderíamos perguntar: o que o evento da ressurreição de Cristo diz ao ser humano de hoje? O que este evento, carregado de esperança escatológica, anuncia aos pobres e a todos aqueles que sofrem e que são perseguidos e abandonados, que caíram numa vida sem sentido? Como e com que força anunciamos ao mundo esta que é a razão da nossa esperança? Pelo caminhar que fizemos até aqui acreditamos que este anúncio da esperança para o mundo atual, com todas as suas variações e vicissitudes, deve ser libertador, portanto, uma esperança libertadora. Uma força que já acontece na história, mas que aponta e espera para além da história; uma força que acolhe o futuro de Deus que vem como dom e graça, e que por esta razão, compromete-se e projeta-se a este futuro em missão. Sobre isso, diz Moltmann: “A esperança cristã, pela resistência prática e pela transformação criadora, questiona o que é existente e assim está à serviço do que há de vir”<sup>4</sup>. Mais: “Todo aquele que crê e tem esperança é *vocatus* e deve colocar a sua vida a serviço de Deus, na cooperação do reino de Deus e na liberdade da fé”<sup>5</sup>. A esperança escatológica já age na história, e nela somos chamados a frutificar os dons que recebemos, multiplicando-os, em comunhão, para o benefício de todos.

3ª CT: *O futuro de Deus acolhido na fé nos compromete na missão da esperança cristã*. Esta é outra afirmação que se tornou bastante clara no nosso trabalho. O futuro de Deus, que nos é antecipado pelo evento do Cristo Ressuscitado e Crucificado, não nos torna passivos, mas ativos; se aceito na fé,

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 411.

<sup>5</sup> Ibid. Grifos do autor.

nos movimenta em esperança e nos lança à ação neste mundo, coloca-nos em missão, em missão da esperança cristã. Portanto, aquilo que esperamos se integra numa fé que nos compromete à missão neste mundo. Logo na primeira parte do nosso trabalho, quando procuramos caracterizar teologicamente do que se trata este futuro, de que Deus falamos e o que dele se espera, procuramos sempre enaltecer a atitude primeira de Deus em nosso favor – um ato pleno de amor – e a nossa resposta, como atitude segunda, que responde com fé e caminha na esperança. Contudo, deveríamos aqui, nestas conseqüências teológicas, chamar a atenção para o comprometimento que envolve todo o processo. Há um comprometimento de Deus, que faz a sua promessa e busca cumprir aquilo que foi prometido; há, também, um comprometimento humano, que responde ao chamado de Deus pela fé e empenha-se na prática do Reino e do seguimento de Jesus<sup>6</sup>. Comprometer-se é inserir-se no âmbito da promessa e deixar-se guiar pelo Espírito Santo de Deus. É permitir que Deus tome parte de nossas vidas e que possamos, então, tomar parte em Deus. É abrir-se a graça e deixar-se envolver no mistério que traz esperança e que liberta. Nós encontramos estas condições nas duas teologias que estudamos, sendo assim, podemos afirmar que, elas atendem o objetivo proposto de que o futuro de Deus se torna perceptível *na* missão da esperança cristã, na qual somos chamados, convocados, enquanto *ekklesía*, comunidade do Espírito, a fazer parte e a tomar parte nesta missão. Uma vez que vemos Deus comprometido conosco, um Deus que por amor se despoja e assume a nossa humanidade, vive as nossas fraquezas e caminha até o fim, até a morte de cruz, tal compromisso de Deus para conosco nos faz, também, comprometer-nos com ele. Se olharmos na ótica das duas teologias e a forma como interagem na sociedade, isto fica mais evidente. Vejamos. Falamos de esperança porque cremos num Deus que nos dá esperança; falamos de libertação porque temos um Deus que liberta; falamos da vida e a defendemos porque acreditamos num Deus que é o autor da vida e o garantidor da mesma. Se a TdE focou numa ação concreta na sociedade, até politicamente, buscando a justiça e o bem comum, é porque na prática e vida de Jesus e no Deus que se revela nele isto é verdadeiro. Se a TdL faz a opção pelos pobres e excluídos da América Latina é porque antes há uma

---

<sup>6</sup> Lembramos aqui que quando falamos da TdL como teologia da práxis, ressaltamos que há antes uma práxis em Deus em favor do ser humano. A práxis que se desenvolve como acolhimento da fé, vem como ação segunda. Cf. Subcapítulo: 4.1.2.3.

opção por Deus que por estes pequenos fez uma opção de amor e justiça, o que faz do pobre um lugar privilegiado do encontro com Deus. Se hoje, as duas teologias preocupam-se com as questões globais e emergências ecológicas é porque têm-se antes a fé no Deus criador e que no ato de sua criação nos torna responsáveis e zeladores de tudo aquilo que foi criado. A grande questão que toca estas duas teologias é que elas procuram ver Deus não só na transcendência, mas também na imanência, ou como fala Moltmann, numa “transcendência imanente”<sup>7</sup>. Mesmo sendo uma afirmação de Moltmann, quando ele apresenta a sua teologia do Espírito, tal projeção também se faz verdadeira na TdL. Em suma, quem nos coloca em missão e nos faz caminhar, e caminhando já nos faz desfrutar das virtudes do Reino, é o Espírito Santo de Deus. É dele que provém a garantia escatológica que nos assegura a fé, que nos movimenta em esperança e que nos sustenta no amor.

4ª CT: *A garantia escatológica do Espírito*. Jürgen Moltmann por várias vezes apresenta na sua Teologia da Esperança a expressão “garantia do Espírito”. Na tradução brasileira aparece a palavra “arras”, no original alemão, a palavra “*Angeld*”, que se traduz por garantia. A função que o autor confere a esta expressão é justamente afirmar o que a própria palavra já diz por si mesma e que na verdade é uma função do Espírito Santo. Ele é o garantidor, é quem sela com seu Espírito aquilo que foi prometido, conforme vemos em Efésios: “selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo” (Ef 1,13). É ele também que nos incita à missão e garante a nossa permanência na mesma. O Reino de Deus continua atuando na história, dando continuidade à ação do próprio Cristo. A comunidade de fé, a Igreja, que se coloca nesta condição age e se deixa conduzir pela força deste Espírito. No seu trato com a esperança, Moltmann absorveu bem a questão pneumatológica e fez um rico e frutuoso trabalho por este caminho, que em vistas de uma atualização de sua mensagem, pode oferecer boas chaves de leitura e pistas de ação para a missão da esperança<sup>8</sup>. Já que falamos em missão da esperança cristã e trazemos aqui os aspectos da TdL, utilizamo-nos daquilo que há

<sup>7</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida*, p. 44. Diz também: “*Experimentar Deus em todas as coisas pressupõe uma transcendência imanente às coisas, que pode ser descoberta indutivamente. É o infinito no finito, o eterno no temporal e o imperecível no perecível*”. Ibid., p. 45. Grifos do autor.

<sup>8</sup> Sobre esta questão pneumatológica em Moltmann, que já apontamos antes, reforçamos novamente nas seguintes obras, todas já citadas no capítulo 3: MOLTSMANN, J. *La Iglesia fuerza del Espiritu*, 1978; Id. *O Espírito da vida*, 1999; Id. *A fonte da vida*, 2002.

algum tempo foi projetado por José Comblin<sup>9</sup> sobre a TdL e a ação do Espírito. Diz Comblin: “Devemos partir da missão do Espírito, de onde deriva a missão da Igreja e toda a ação cristã, o Espírito que é o único e verdadeiro caminho”<sup>10</sup>. Justificando a sua afirmação, Comblin continua: “A missão do Espírito Santo não suprime a do Cristo. Não a reduz em nada. Pelo contrário, exalta-a, visto que faz surgir seu verdadeiro sentido”<sup>11</sup>. Esta é a garantia. O que solidifica a nossa certeza, que nos impulsiona a fé, é a marca que trazemos do Espírito Santo. É impossível haver esperança sem que haja a ação do Espírito. Foi ele quem falou outrora pelos profetas, que guiou a Cristo e que hoje conduz a Igreja. Ele é quem nos conduz pelo caminho verdadeiro e nos direciona a plenitude do Reino. É a marca do cristão, que pela *promessa* do futuro de Deus que vem, assegura-nos na sua esperança, que no Espírito sempre se renova. Frisamos aqui a palavra promessa porque ela só pode ser compreendida como evento de revelação de Deus à luz do Espírito Santo. A missão que daí decorre é consequência da ação do Espírito. É o que entendemos por “garantia escatológica do Espírito”. Se a TdE e a TdL projetam-se a partir da esperança e em esperança, o desfecho e o caminho da missão em que partem só pode ser compreendido mediante esta “garantia”, pois como bem diz o hino de Efésios, ele “é o penhor da nossa herança, para a redenção do povo que ele adquiriu para o seu louvor e glória” (Ef. 1,14). Com Deus e o futuro que vem, esperamos o Espírito que vem e renova a face da terra (cf. Sl 104,30), e que faz “novas todas as coisas” (Ap 21,5).

5ª CT: *Eis que eu faço novas todas as coisas*. “Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Esta frase do livro do Apocalipse constitui-se como uma grande promessa, que em nível de consequência teológica e em fechamento do nosso trabalho alimenta aquilo que esperamos e que se projeta na nossa missão de esperança, em vista do futuro de Deus. Tornar as coisas novas e tornar o mundo e a sociedade em um novo rosto, com uma nova vitalidade, onde se reine o amor, a

<sup>9</sup> José Comblin (Joseph Comblin) não era brasileiro de nascimento, mas de coração. Ele era europeu, nasceu em Bruxelas, na Bélgica, em 1923. No entanto, aceitou o desafio de vir ao Brasil como missionário e aqui permaneceu, chegou a ser expulso do Brasil pelos militares em 1972, indo ao Chile e retornando anos mais tarde; fez desta terra a sua terra, assumiu as suas dores e labutas e, por essa razão, assumiu também a teologia que aqui se fez. José Comblin morreu no dia 27 de março de 2011, no interior da Bahia, aos 88 anos de idade. Fazemos aqui uma breve referência e uma sincera homenagem.

<sup>10</sup> COMBLIN, J. *O tempo da ação*, p. 28.

<sup>11</sup> *Ibid.*

justiça e a paz, faz parte da promessa da criação, perpassa pela história salvífica, culmina nas ações de Jesus Cristo e no seu Reino e dirige-se para o final da história. Neste final, da forma como chegamos, olhamos para o ressuscitado que diz: “Eis que faço novas todas as coisas”. Neste final da história teremos um final que se traduz em início de um novo momento, de um novo estado com Deus, em comunhão de amor, em plenitude. No fim – o início!<sup>12</sup> Uma frase pertinente de Moltmann que circulou por nosso trabalho. Somente aquele que deu a primeira palavra pode também oferecer a última, e, portanto, tornar novo e pleno tudo aquilo que foi criado: a realização e a plenitude de toda a criação (cf. 1Cor 15,28; Ef 1,10). No entanto, na proposta de Reino apresentada por Jesus e na pedagogia de um Deus que se revela e participa da nossa história, convidando-nos a entrar em comunhão com ele, somos motivados e fortalecidos pelo Espírito a tornar sempre novo aquilo que está a nossa volta. A promessa de um mundo novo, onde se possa reinar o amor, a justiça e a paz não se destinam apenas para além deste tempo e história, mas devem acontecer também e já neste tempo e história: “na terra, como no céu” (Mt 6,10). A cruz de Cristo que nos revela a ressurreição encontra-se presa a terra e deixa-se iluminar pela luz do Ressuscitado. Assim, também nós, iluminados por esta mesma luz que nos antecipa o futuro de Deus, sentimos já nesta terra, neste tempo e nesta história aquilo que se realizará em nós junto a Deus. Em vistas desta esperança é que a TdE (alimentada pelas promessas) e a TdL (fortalecida pela esperança do povo) resolveram por transformar as estruturas a sua volta, despertando na Igreja e na sociedade a inquietude para este acontecer no amor, na justiça e na paz. Procuraram tornar novo o que não era mais novo; tentaram dar esperança, onde esta já não existia; levaram luz, onde só havia trevas e onde não se tinha mais sentido; falaram de esperança, em meio à morte, violência, pobreza e destruição. A urgência desta intenção no mundo de hoje, com todas as projeções que são feitas, socialmente e religiosamente, torna-se latente. Faz-se necessária uma ação da esperança no horizonte daquilo que foi prometido. Contudo, a grande riqueza que se constrói nestas teologias e que aqui trazemos como consequência teológica é que somos chamados a participar com Deus e não sem ele; que o futuro que nos é revelado é de Deus e com Deus e é para ele que estamos destinados; que tudo vem dele, por ele e retorna para ele (cf. Rm 11,36);

---

<sup>12</sup> Conforme já abordamos neste trabalho, esta expressão “no fim – início” faz parte do vocabulário teológico de Moltmann.

que a esperança que nos faz agir percebe-se importante porque ancora-se na realidade, assume-a e a transforma; ela a conduz ao ponto alto e definitivo, onde só Deus pode dar a última palavra, uma palavra de salvação: “vinde benditos de meu Pai...” (Mt 25,34s). Olhar para este Deus que transparece em Jesus Cristo é se sentir tocado por um gesto de amor solidário. É ter força, quando só vemos fraqueza; é levantar, quando por vezes caímos; é lutar, mesmo quando perdemos. Enfim, é ter esperança. Ao fazer isso, tomamos esta atitude de ação e esta atitude de missão porque olhamos para aquele que venceu a morte e nos abriu o caminho da vida, da Verdadeira Vida. “A missão está a serviço do despertar de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo reino de Deus, o qual vem ao mundo para transformá-lo”<sup>13</sup>. Este é o futuro que esperamos. Hoje, caminhamos em esperança, na missão da esperança, porque ouvimos aquele que diz: “Segue-me!” (Mt 9,9). “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

Estas consequências teológicas que apresentamos não encerram o discurso sobre o tema em questão. Por se tratar de um tema de escatologia e que versa sobre esperança, seu desfecho nos apresenta coisas novas e novos horizontes. Destacamos aqui a importância do estudo que fizemos da escatologia da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação. Tal estudo mostrou-se relevante para o nosso contexto e ofereceu boas pistas de atuação, tanto teológicas quanto pastorais.

Falar de Deus e de seu futuro é falar daquilo que podemos experimentar pela fé no Cristo Ressuscitado e Crucificado, que a nós se revela, que conosco caminha e para Deus nos conduz. Isto foi o que entendemos com o tema do nosso trabalho: *O futuro de Deus na missão da esperança cristã*.

---

<sup>13</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 408.